

LINEA NIGRA



*Linea Nigra*  
Jazmina Barrera

*tradução do espanhol de*  
Silvia Massimini Felix



*A quem interessa (Silvestre, Alejandro e Tere),  
e a quem possa interessar*



I  
IMAGEM GRÁVIDA



Esta manhã, na sala de espera, me deparei por acaso com um calendário de eventos astronômicos. Este ano haverá uma chuva de estrelas, uma superlua em dezembro, um eclipse parcial da lua na Ásia e, dentro de alguns meses, um eclipse parcial do sol aqui no México.

Durante o caminho de volta para casa, em meio à surpresa, à emoção e à perplexidade, pensei de súbito: nunca mais vou ficar sozinha. Não de verdade. Senti medo e alegria.

\* \* \*

A espera da gestação é uma fruteira. Os aplicativos lhe dizem a cada semana com que fruta o feto se parece conforme vai crescendo. São estrangeiros, não levam em consideração a variedade de frutas que há no México, os diferentes tamanhos de manga e abacate que existem. Alejandro diz que as tangerinas mexicanas são do tamanho das laranjas chilenas, e que as tangerinas chilenas são do tamanho de um limão mexicano. Além disso, o que eu chamo simplesmente *limão* ele chama

*limão galego*, e o que ele chama apenas *limão*, eu chamo *limão siciliano*.

Fomos, alguns dias atrás, fazer uma ultrassonografia e escutamos seu coração. A enfermeira disse que batia muito forte. É do tamanho de um mirtilo, e grande parte de seu corpo é um coração que bate. É difícil não se apaixonar por um ser do tamanho de um mirtilo que tem um coração, que é quase por completo um coração que bate forte.

\* \* \*

Sempre gostei do cheiro de pão, tinha devaneios com um perfume chamado Padaria, mas agora aquele pedaço do pão que vejo despontar pela sacola, a simples ideia de pão com geleia, me dá um enjoo espantoso. Conto a Alejandro e ele me recomenda que escreva as coisas que acontecem comigo para não esquecê-las depois. Não lhe disse que já estou escrevendo, pois escrever um diário da gravidez me parece um pouco banal. É de fato tão clichê que recomendam, no livro *O que esperar quando você está esperando*, fazer exatamente isso.

Também estou relendo *Argonautas*, de Maggie Nelson. Hoje li um trecho em que ela diz que ninguém fala o bastante de como a gravidez pode ser obscura. Ela não teve uma gravidez fácil: sentia muito medo e sofreu vários acidentes. Esteve a ponto de morrer. Eu também não imaginava que a gravidez tivesse momentos tão difíceis. Minha mãe e minhas amigas só tinham me falado de uma transformação maravilhosa, de como o parto havia sido incrível, e agora descubro que sentiam enjoo o tempo inteiro e passavam bem mal. Até hoje me dizem isso. Claro que também há alegria, muita, como quando falamos de nomes ou quando imagino seu rosto. Mas isso eu sabia que ia acontecer, estava esperando; a obscuridade, não.

Acho difícil lidar com a ideia de que metade da humanidade passou por isso. É a coisa mais comum do mundo e me parece tão distinta, incômoda e desconcertante.

\* \* \*

A primeira vez que a crítica reconheceu o trabalho de minha mãe foi graças a uma série de pinturas abstratas, de grande formato, cujo tema central era a cor vermelha. Eu tinha três ou quatro anos. Mas justo nessa época de sucesso ela decidiu começar uma nova série, uma homenagem ao suprematismo do pintor russo Ad Reinhardt, um conjunto de quadros impossíveis de fotografar e de vender, um tratado sobre o preto e os limites da cor. Ao longo dos anos, em visitas a museus e exposições, minha mãe me explicou como era preciso ver certos quadros; por exemplo, os pretos sobre preto de Rothko. Ela me ensinou a paciência, a contemplação que se requer para acostumar o olhar a ver o preto dentro do preto: os pretos opacos, os pretos brilhantes, os pretos vermelhos, roxos e quase cinza. Muitos anos depois da série preta de minha mãe, quando na adolescência tive aulas de pintura, entendi a habilidade que é preciso ter para distinguir, mesclar e igualar os tons de preto, a dificuldade de pintá-los como ela fazia, sem que se notasse o traço do pincel, para conseguir esses matizes de preto absorventes, o preto do vazio. Quando penso como será que se vê o mundo de dentro do útero, lembro-me desses quadros de minha mãe, de suas lições para ver na escuridão.

\* \* \*

A discussão sobre nomes para menina está cada vez mais difícil. De cara, já ficam descartados os nomes que terminem com S ou Z, por causa do sobrenome do pai. Paz me parecia

um nome bonito. Vetamos também os nomes das ex-namoras (suas ex tinham nomes bonitos) e ex-namorados (muito poucos e de nomes bem feios). Estava dizendo nomes em voz alta, quase sem pensar neles, e falei o nome Mar. Achei encantador e Alejandro se apaixonou no mesmo instante. É um nome tão original, tão simples e belo, disse. Por que não há mais gente que se chama assim?

Contudo, assim que falei, já me arrependi. Mar é o nome de uma amiga muito querida. Ela se chama María del Mar, mas a chamamos de Mar. É a única pessoa que eu conheço com esse nome e é difícil dissociar o nome da pessoa. O nome me lembra demasiado dela, e quero que continue me lembrando dela e de mais ninguém. Não me convence, há mil nomes de mulher de que eu gosto mais. Digo-os a Alejandro, tento convencê-lo de Natalia, Selva ou Josefina, mas ele está empenhado em Mar. Não há como tirar essa ideia de sua cabeça.

\* \* \*

Voltei. Passei dias prostrada pelo enjoo, aferrada ao meu colchão elétrico ou à mão de Alejandro. Convenci a mim mesma que era como estar em um cruzeiro de três meses e ficar mareada o tempo todo. Três meses é o tempo que dura o período de enjoo intenso. Queria me atirar de cabeça e acabar logo com isso.

Hoje fui almoçar com minha amiga U. e a escutei por um bom tempo contando como as terapias alternativas para dor que ela estava fazendo eram maravilhosas (acupuntura e florais de Bach). Enquanto isso, eu pensava na bonadoxina com veneração. Faz um dia que estou sem enjoo, desde que comecei o tratamento, e quero escrever uma carta de agradecimento ao seu inventor, dizer a ele que salvou minha vida.

\* \* \*

Ainda não terminamos de arrumar o apartamento. A gravidez deixou muitos dos nossos planos de ponta-cabeça. Por exemplo: o quase estúdio. Compramos uma escrivaninha e uma cadeira e as colocamos no quarto ao lado do nosso. Mandamos instalar o modem e o telefone nesse cômodo. Mas agora precisamos de um quarto para o bebê. Temos de tirar todos esses cabos e não sabemos o que fazer com a escrivaninha, não sabemos onde vamos escrever.

Se eu soubesse que estava grávida, não teria carregado todas aquelas caixas na mudança. Com razão eu me sentia cansadíssima, como se tivesse sido esmagada.

\* \* \*

A internet está cheia de histórias sobre as dificuldades para engravidar. Tenho várias amigas que estão há muito tempo tentando sem sucesso algum. Eu tinha lido em todos os lugares que, depois de um longo período tomando pílulas anticoncepcionais, o corpo demora cerca de um ano para se ajustar. Parei de tomá-las pensando que ia demorar pelo menos um ano para engravidar. Esse ano estava dentro do planejado, dentro da ordem das coisas. Engravidar em um mês depois de parar de tomar pílula.

\* \* \*

Meses atrás, pedi uma bolsa para escrever durante um ano e acabo de saber que me foi concedida. Não tenho nem pontos de exclamação para isso. Não sei se estou mais feliz ou mais aterrorizada. Que hora, com um bebê recém-nascido, vou me sentar para escrever a respeito de sabe-se lá o quê? Já nem lembro muito bem qual era o projeto.

\* \* \*

O livro denomina isso de “sensação de irrealidade”: minha barriga está apenas um pouco maior, só um pouquinho. Já foi desse tamanho outras vezes. Se eu não soubesse que estou grávida, nem poderia imaginar. Pensaria que os enjoos e o cansaço seriam outra coisa, e que o atraso menstrual se deve a uma irregularidade hormonal. Pensei naquele conto de Maupassant, “O Horla”. A gravidez no início parece um ser invisível que suga sua energia e faz com que você se sinta doente. Quando penso no Horla e nos vampiros, lembro-me deste fato: o leite materno é sangue passado por um filtro. Sangue que circulou pelas veias e depois se converteu em leite. Conto isso e quase ninguém sabe. Mas deviam saber, todo mundo devia saber disso.

\* \* \*

Decidimos pôr uma escrivaninha na sala de jantar e outra no quartinho. Não queria resolver o *onde* porque tenho medo de pensar no *quando*: quando vou escrever depois do parto? A que horas? Claro que vou continuar escrevendo, disse à minha mãe, quando ela me perguntou se eu estava disposta a abandonar meus projetos durante os próximos dois anos. Claro que vou continuar escrevendo, ao menos enquanto estiver tomando bonadoxina.

Acabo de ler *The third baby's the easiest*, de Shirley Jackson. Uma mulher se dirige ao hospital para ter seu terceiro filho. O trajeto é longo e a evolução do parto é confusa, complicada e dolorosa, apesar de as pessoas à sua volta insistirem que “você simplesmente vai ter um filho” e que “o terceiro filho é mais fácil”. Minha parte favorita é quando ela chega ao hospital e a atendente lhe faz uma série de perguntas tediosas que ela tem

de responder entre as contrações. Quando a mulher lhe pergunta sua profissão, Jackson responde “escritora”. A atendente lhe diz: “Vou pôr dona de casa”. Jackson insiste, apesar da dor, em esclarecer que sua profissão é “escritora”, e a mulher reitera que escreverá “dona de casa”.

\* \* \*

Estou lendo sobre Rita-Cristina, as famosas gêmeas siamesas que viveram apenas cinco meses. Compartilhavam uma vagina e duas pernas, mas cada uma tinha sua própria cabeça. Ainda não sinto os movimentos da maçã (uma maçã verde, segundo Alejandro), mas sei que há uma parte de meu corpo que não sou eu, que se move por vontade própria e tem seus próprios genes. Uma parte de mim que mexe as mãos, as pernas e a boca e tem unhas, mas se alimenta da mesma coisa que eu, vai aonde eu vou e depende de mim para existir.

Tenho sono o tempo inteiro, sinto-me um pouco anestesiada, como se estivesse aqui sem estar. Talvez porque uma parte de mim esteja construindo mais alguém, ou porque uma parte de mim seja, neste momento, mais alguém. É tudo muito confuso, mas o que eu queria escrever é isto: a gravidez é uma história de *Doppelgänger*.

\* \* \*

O significado de meu sobrenome, *Barrera*, é muito duro. Limitado, aborrecido, cacofônico. *Zambra* quer dizer festa e algazarra. Também é o nome de um barquinho. Um casal de amigos foi o primeiro na cidade a pôr o sobrenome da mãe em seu filho, mas o sobrenome dela é sugestivo, tem muita personalidade: Prudencio. Todas as crianças deviam usar o sobrenome da mãe, a menos que o sobrenome da mãe seja *Barrera*.

A propósito de festas, li sobre Niki de Saint Phalle, que em 1966 instalou em um museu de Estocolmo a escultura gigante de uma mulher recostada: *Hon.* Os espectadores podiam entrar na escultura, pintada com cores vivas, através da vagina. Dentro dela havia uma exposição de pinturas falsas, um bar de leite no seio direito e um planetário no seio esquerdo. Niki a chamou “Uma festa”, “o regresso ao ventre materno”.

\* \* \*

Sem nenhum propósito em particular, passo muito tempo tentando traduzir e entender uma frase de Meghan O'Rourke que diz mais ou menos isto: “A mãe está além de qualquer noção de começo. Isto é o que uma mãe faz: você não pode começar a história”.

Confundo essas linhas com outras de um poema de Katie Schmid que se chama “O barqueiro” e dizem mais ou menos assim:

*No além, o primeiro rosto que vejo é o de minha mãe.  
Todas as mães são o barqueiro, tendo uma vez sido o barco.*

Mas a tradução não me convence; o que dizem não é exatamente isso. Vou continuar tentando.

\* \* \*

Ontem sonhei que sofria um aborto. Via o sangue e gritava. Entre o sono e a vigília, não sinto tanto medo de abortar porque o feto ainda é muito pequeno: apenas algumas células. É muito cedo para me emocionar.

\* \* \*

Se eu tivesse sido menino, minha mãe me contava, meu nome seria Silvestre. Cresci ouvindo essa história, e de vez em quando imaginava como teria sido minha vida se eu fosse homem e me chamasse assim. Esse nome cruento me fascinava, pensava que Silvestre teria sido menos apreensivo e controlador que eu, mais alegre. Sugeri o nome a Alejandro e ele ficou encantado. Nenhum outro nos agrada mais até o momento. (O método não serve para nomes de menina, porque se Alejandro tivesse sido mulher teria se chamado Jennifer.) (Por sorte, ele não é desses homens que querem passar seu nome ao filho.)

O nome para menina continua sendo um problema. Por exemplo, Sara é um nome lindo, mas está descartado porque rima com o sobrenome do pai. Pensei em Sara por causa de minha amiga, que acabou de me enviar um poema que escreveu sobre o filho. “O corpo mais completo”, diz sobre a gravidez. A frase me aparece ao longo do dia uma vez ou outra, como uma canção pegajosa.

\* \* \*

Pensei: tudo o que eu escrever durante esses meses, tudo o que fizer, mas sobretudo o que eu escrever, escreveremos os dois juntos. Tão juntos quanto se possa estar: um no centro da outra.

\* \* \*

Ontem sonhei que estava mais grávida. De uns oito meses. Eu ia fazer um ultrassom, o mesmo que vou fazer na quinta-feira, e nele aparecia a imagem, em terceira dimensão, muito clara, de um menino. De repente, o menino era mais velho e estava fora de mim. Tinha cabelos ondulados e vestia um macacão sobre uma camisa vermelha. Ele estava sorrin-

do. Não se parecia com nenhum de nós, mas era lindíssimo. Sempre pensei que preferia ter uma menina, porque já fui menina, entendendo as meninas. Os meninos, por outro lado, parecem um mistério para mim. Continuo pensando que ter um filho deve ser muito difícil, mas agora me emociona. Quero um filho como esse que sonhei.

\* \* \*

Procuro leituras relacionadas a gravidez como se fossem guias de viagem. Livros de conselhos, de psicanálise, romances, poemas ou ensaios de grávidas. É bem difícil encontrar literatura. Uma amiga me contou sobre Mary Shelley, que estava grávida enquanto escrevia *Frankenstein*. Era evidente, e, no entanto, todas as vezes que li o romance, não tinha visto: *Frankenstein* é uma história sobre a criação da vida, sobre um homem que, mais do que brincar de deus, brinca de ser mulher.

A feminista Mary Wollstonecraft morreu quando estava dando à luz Mary Shelley. Mary Shelley teve quatro filhos e três deles morreram, e também Clara, a menina que estava esperando enquanto escrevia o romance. É razoável que a maternidade fosse para ela, ao menos em parte, uma história de terror. Penso na passagem em *Frankenstein* em que o monstro cobra vida e tenta matar seu criador, aquele fragmento aterroizante que é como um pesadelo de pós-parto.

O dr. Frankenstein levou dois anos para fabricar seu monstro com retalhos de cadáveres e fragmentos de animais. Acho dois anos um intervalo de tempo mais razoável: nove meses para criar um ser humano inteiro me parece um piscar de olhos para mim. As gestações deviam durar três ou cinco anos e ser menos radicais, mais paulatinas. E não estou dizendo isso por

causa dessa condição biológica que faz com que os humanos nasçam muito mais indefesos do que a maioria dos mamíferos, que ao nascer já podem andar e quase se defender sozinhos. Digo isso porque me parece uma tarefa titânica, sobrenatural, incompreensível e milagrosa. Não entendo como pode acontecer tão rápido.

Também não me iludo. Sei que não sou eu que estou criando, são meu sangue e meus pulmões, a loucura dos genes. É como se alguém estivesse me usando para fabricar outro ser humano, mas não sou eu, minhas mãos estão fora de meu ventre e eu não tenho ideia; embora leia que já tem pulmões e olhos e cabelo, eu nunca saberia explicar como está sendo feito. Tudo soa tão improvável, como uma alucinação ou uma história fantástica.

\* \* \*

Marlene Dumas tem um quadro chamado *Imagem grávida*. É o retrato de uma mulher de joelhos, com uma blusa azul aberta e o resto do corpo nu. Os mamilos grandes e escuros e a barriga enorme parecem de uns sete, talvez oito meses de gravidez. Ela levou vários anos para pintá-lo, mas não se nota, pois os traços parecem determinados, rápidos. O rosto da mulher é azul como a blusa, mas o corpo é cor de carne. Marlene compôs a imagem a partir de diferentes fotografias, dentre elas uma de si mesma, quando estava grávida da filha Helena, em 1989, por isso parece que a cabeça não correspondia ao corpo. É assim que às vezes é estar grávida: como se minha cabeça não correspondesse ao meu corpo.

\* \* \*

Alejandro está preocupado que o *guagua*, como ele chama o bebê, não vá gostar de tomate ou de cebola porque eu não os como agora que estou grávida. Nunca fui boa de garfo. Há muitas comidas de que eu não gosto, e odeio a sensação de estar muito cheia. Agora tenho toda a fome do mundo, a fome que nunca tive. Jamais tinha me sentido tão diferente de mim mesma. Muito do que eu associava à minha descrição, à minha narrativa pessoal, está mudando. “Seu corpo nunca será o mesmo”, disse-me a ginecologista, não me lembro a propósito do quê, talvez apenas para me irritar.

\* \* \*

Quando estava grávida, minha mãe tinha vontade de comer carne. Ela, que foi vegetariana a vida toda, comia presunto e hambúrgueres. Por outro lado, o que lhe dava mais enjoo era uma canção, “La puerta de Alcalá”, que naquela época estava na moda.

Sor Juana tem um poema, uma romança para a condessa de Paredes, enquanto aguardava o nascimento de seu filho José, no qual se lembra de um desejo voraz por nozes que certo dia a condessa teve.

Assim escreve Sor Juana sobre o corpo duplo da gravidez:

*quando com duas almas  
estavas, mesmo que não seja  
mister estar grávida  
para que mil almas tenhas;*

E depois, mais à frente: